

Os efeitos do ciclone de fevereiro de 1941 em Setúbal

Em 15 de fevereiro de 1941, um devastador ciclone afetou diversas regiões do país, provocando um elevado número de mortos, feridos e desaparecidos. *O Setubalense*, na sua edição de 17 de fevereiro, traz uma extensa e detalhada reportagem sobre as consequências destrutivas no concelho, realizada pelo repórter na sua visita a várias zonas da periferia, onde assistiu às lágrimas de dezenas de famílias.

Segundo se pode ler no periódico, os danos materiais foram incomensuráveis. O ciclone arruinou estradas, ligações telegráficas e telefónicas, cabos da energia eléctrica, arrancou centenas de árvores, arrastou o balastro da linha ferroviária para Alcácer do Sal, destelhou casas e destruiu chaminés de inúmeras habitações ou edifícios industriais. Dos Paços do Concelho, passando pelo tribunal, SAPEC ou Clube Naval, até diversas fábricas de conservas, praticamente nada nem ninguém ficou incólume. As cheias espalharam-se por toda a baixa da cidade, inundando inúmeras casas. A força do vento torceu candelabros, deixando a cidade às escuras.

Os horrores vividos pela comunidade setubalense naquelas longas horas foram descritos no jornal da seguinte forma: «O ciclone vergastou impiedosamente toda a Cidade. Bateu vigorosamente os arvoredos, arrancou grandes coberturas de zinco, destelhou muitíssimos prédios, fez abater numerosas empenas, também destruiu grandes canos das fábricas, levou a desolação a muitos milhares de famílias e ainda cavou mais funda a situação de fome que a Cidade atravessava. Um pavor (...). Mulheres, homens e crianças que, desprevenidos, andavam pelas ruas, eram projetadas ao chão, outras contra as paredes. Parecia – como alguém julgou – o dia do Juízo» (*O SETUBALENSE*, 1941, 17 de fevereiro: 1).

Alguns milhares de setubalenses viram o seu ganha-pão desaparecer com a destruição de centenas de embarcações, como a Senhora da Conceição, e o afundamento de outras que estavam no estuário. Era a agudização da de-

pressão económica que marcava Setúbal naquela época. O ciclone provocou, pelo menos, uma dezena e meia de mortos no meio urbano. Diversos cadáveres foram dando à costa nas semanas seguintes, muitos completamente irreconhecíveis. Cerca de uma centena de pessoas procuraram tratamento no Hospital da Misericórdia.

Os casos mais dramáticos sucederam perto de Troia. O rebocador da firma Porto Lobo & Freitas, com cerca de uma dezena de tripulantes, virou-se dada a força do vento, afundando-se sem sobreviventes. O batelão Rio de Lima II, que se desprendera do rebocador, obrigou os quatro tripulantes a atirarem-se às ondas violentas do rio. Apesar da ajuda vinda de terra, não se salvaram. Em situação de emergência, um bombardeiro quadrimotor britânico da Royal Air Force, o Short Sunderland I, amarrado naquela península. A imprensa, talvez devido à censura, não noticiou pormenorizadamente o caso. O Sado foi um autêntico «teatro de desgraças inenarráveis» (*Ibidem*), levando, também, ao afundamento do lugre Atlante, este sem vítimas mortais.

Nos dias seguintes, por respeito às vítimas, o Governador Civil proibiu bailes e festas, assim como a comemoração do Carnaval, que se celebrava na semana posterior à tragédia. [DF]



Primeira página d'O Setubalense, 17/2/1941, p. 1